

Aqui e Além Lisboa

Anos 80



fotografia de
José Vieira Mendes

Museu de Angra do Heroísmo
Sala Dacosta - 18 mar. 28 mai.

José Vieira Mendes, jornalista, crítico e programador de cinema, nasceu em Lisboa em 1960. Fotógrafo por intuição, é licenciado em Comunicação Social e pós-graduado em Produção de Televisão pelo ISCSP – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa. Foi diretor-fundador da edição portuguesa da conceituada revista de cinema *Première*. Vieira Mendes realizou e continua a fazer reportagens escritas e fotográficas sobre festivais de cinema e rodagens de filmes. É comentador e crítico oficial em programas de televisão dedicados à Sétima Arte.



#José Vieira Mendes - Belém III

MOMENTOS SEM HISTÓRIA

A cidade de outro tempo (Lisboa nos anos de 1980) é oferecida nestas imagens como memória residual, mas persistente: nada importa muito, nem ninguém, os locais são conhecidos ou não, os gestos são humanos, colectivos, individuais, expectáveis, rotineiros ou vagamente assinaláveis. Apesar disso, ou por isso mesmo, há detalhe e precisão, contornos e manchas, horizonte e planos aproximados, movimento e repouso, coisas e pessoas, atmosferas e eventos concretos.

A fotografia é esse lugar estranho em que fantasmas se agitam como bandeiras ou ecrãs desligados daquilo que nos conecta à vida: são trazidos pelo corredor do tempo para serem expostos, desprotegidos e frágeis, à intensidade do presente e do nosso olhar forçosamente desfocado.



#José Vieira Mendes - Rio Tejo

Sem ter, provavelmente, passado pela consciência disso, Vieira Mendes fotografou na senda de Victor Palla ou de António Sena da Silva: deambulando, parando, isolando, preenchendo e atribuindo relevância a um recorte em picado, ao traçado espesso e horizontal de um barco ou vertical de um monumento, à linha desenhada por uma pequena multidão ou a um aglomerado difuso, ao encanto do mais expressivo anonimato, da mais intolerável banalidade, da mais questionável surpresa.

Numa das imagens, um casal pára diante do friso do Padrão dos Descobrimentos, em Belém. A escala importa mais que tudo, sublinhando, a partir da sua pequenez, a aura mítica e grandiosa dos navegadores ali eternizados. A pedra clara e a inscrição diagonal do friso fazem da inclinação ligeira dos dois elementos do casal, e das duas silhuetas escuras, um ponto instável no qual o tempo atravessa o espaço deambulante de ambos e se consome, sem valor específico, face à intemporalidade dos grandes feitos históricos.

O Rossio, o Tejo, o cais, a praia e os barcos ou o Mercado da Ribeira são indícios suficientemente fortes e objetivos do lugar, mas as personagens exacerbam a condição flutuante e, de algum modo, desenraizada do cenário: o lazer, o comércio, os namoros, as caminhadas, as conversas, a afluência são momentos sem história, surpreendidos à revelia de todos e na bolha infável de uma fixação aparentemente arbitrária, que também faz deles nostalgia, suspensão, passagem e desprendimento.

Assim poderia ser lido o próprio painel de máscaras de Carnaval: nele se misturam o humano e o animal, o sorriso e o medo, a morte e a vida, com a mesma dose de sobressalto e indiferença com que tudo o resto foi presenciado e eleito.

A personagem masculina que se encosta à soleira da porta, na única fotografia que individualiza um rosto num plano aproximado, desvia o olhar da câmara. A idade diz desse homem alguma sabedoria e uma espécie de modéstia preventiva: a fotografia pode roubar a alma ou a beleza escondida de um segredo que as marcas do sofrimento não deixam ver facilmente. Se o tempo for ilusão, a fotografia é o seu palco mais enfático e insolente.

Leonor Nazaré
Lisboa, 9 de Dezembro de 2020